



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**HISTÓRIA – LICENCIATURA**

**A ESTÉTICA DO CANGAÇO:  
A REPRESENTATIVIDADE DESDE O TRAJE DO VAQUEIRO AOS BORNAIS DOS  
CANGACEIROS (AS), HARMONIZANDO FORMAS E CORES**

**SIMONE DE BARROS SILVA SCHEREINER**

Foz do Iguaçu  
2022

**A ESTÉTICA DO CANGAÇO:  
A REPRESENTATIVIDADE DESDE O TRAJE DO VAQUEIRO AOS BORNALIS DOS  
CANGACEIROS (AS), HARMONIZANDO FORMAS E CORES**

**Simone de Barros Silva Schereiner**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Profa. Dr. Rosângela de Jesus Silva

Foz do Iguaçu  
2022

SIMONE DE BARROS SILVA SCHEREINER

**A ESTÉTICA DO CANGAÇO:**  
A REPRESENTATIVIDADE DESDE O TRAJE DO VAQUEIRO AOS BORNAIS DOS  
CANGACEIROS (AS), HARMONIZANDO FORMAS E CORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Rosângela de Jesus Silva  
UNILA

---

Prof. Dr. Cintia Fiorotti Lima  
UNIOESTE

---

Prof. Dr. Viviane da Silva Araujo  
UNILA

Foz do Iguaçu 02 de agosto de 2022

**Resumo:** O cangaço foi um movimento surgido entre o final do XIX e começo do XX e que teve, por muito tempo, sua imagem associada apenas a ideias de violência e banditismo. Este trabalho propõe uma análise mais ampla na qual considera-se o desenvolvimento de uma estética elaborada dentro do movimento e responsável por sua representação e construção identitária. A presente proposta é analisar o cangaço de maneira que se perceba essa estética como forma de expressão própria de um movimento insurgente, desenvolvido no sertão nordestino, e responsável pela elaboração de suas próprias singularidades e imagem.

**Palavras-chave:** Cangaço; Estética; Representatividade; Identidade.

**Resumen:** El cangaço fue un movimiento que surgió entre finales del siglo XIX y principios del XX y, durante mucho tiempo, su imagen se asoció solo con ideas de violencia y bandolerismo. Este trabajo propone un análisis más amplio en el que se considera el desarrollo de una estética elaborada al interior del movimiento y responsable de su representación y construcción identitaria. La presente propuesta es analizar el cangaço de manera que esta estética sea percibida como una forma de expresión de un movimiento insurgente, desarrollado en el interior nordestino, y responsable por la elaboración de sus propias singularidades e imagen.

**Palabras-clave:** Cangaço; Estética; Representatividad; Identidad.

## Introdução

A época em que o movimento do Cangaço começa a se destacar historicamente é a partir de 1900 com Antônio Silvino (1875-1944), e depois com Sebastião Pereira da Silva, o Sinhô Pereira em 1916. (deconhecido-1979). Esse que viria a ser chefe de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (1897-1938). O agrupamento desses fugitivos chamava-se “cangaço” e os bandoleiros que pertenciam a esse agrupamento, cangaceiros. Lampião, considerado o rei do cangaço e dos cangaceiros, foi quem fez com que esse movimento ganhasse mais notoriedade na transição dos séculos XIX para o XX no cenário nacional e principalmente regional por ser considerado o mais temido e o mais singular dos cangaceiros. E é a partir dele que surge um novo olhar para o cangaço. O movimento passa a se destacar pela sua forma de organização e de conseguir formar grupos e subgrupos no sertão de diversos estados do Nordeste. Considerado mais que um cangaceiro, considerado um líder, é a partir de Virgulino Ferreira da Silva que o Cangaço desenvolve um de seus maiores símbolos de representação: A sua estética. E é sobre essa estética e seu surgimento que pretendo abordar neste trabalho.

O interesse em pesquisar o cangaço surgiu para mim no primeiro semestre da graduação quando fui provocada por um professor a explicar por que eu achava que o cangaço tinha sido um movimento social Latino-Americano na sua época, já que esses movimentos estavam sendo discutidos durante a aula. Naquele momento eu não soube explicar o porquê, não tinha ideia de como fazê-lo, mas sabia que a explicação não era simples para ser dada sem pesquisar e conhecer mais sobre o cangaço e sobre tudo o que havia ocorrido para que o cangaceirismo tivesse acontecido. O que eu tinha plena convicção é que as explicações que eu já tinha ouvido e o pouco que tinha lido era muito raso. Falava que eram bandidos impiedosos que por onde passavam espalharam o terror. E só. Graças aquela provocação naquele mesmo semestre apresentei juntamente com uma colega de curso um trabalho avaliativo trazendo alguns outros aspectos do cangaço, como a fé, o amor e a arte que faziam parte da história desses homens e mulheres que escolheram viver a vida de cangaceiros. Vim ao Nordeste, mais precisamente a Pernambuco, minha terra natal, com intuito de pesquisar mais de perto e vivenciar como o tema cangaço e tudo que o envolve é tratado na terra em que nasceu Virgulino Ferreira da Silva vulgo, “Lampião”. Tendo contato com pessoas que trabalham, pesquisam e se dedicam a

explorar mais essa história no Museu do Cangaço, em Serra Talhada, Pernambuco, tenho aprendido muito, mas estou longe de me dar por satisfeita nesse assunto instigante e envolvente que é o Cangaço. A partir dessas vivências irei explanar como surge esse movimento, seu desenvolvimento e seu contexto histórico. Colocando como ele vai se transformando em luta de homens e mulheres do campo que se transformam em cangaceiros por inúmeros motivos. Mas, não só isso, esses homens e mulheres praticam ao longo do tempo que perdurou o cangaço, sua própria arte. Desenvolvem sua própria estética em seus adornos, pensado aos detalhes para o tipo de vida que levavam e para os representarem como criadores de sua própria identidade estética na sociedade que viviam. Está sendo uma experiência extraordinária vivenciar e compartilhar de tudo isso.

Imagem 1 – Museu do Cangaço em Serra Talhada (PE).



Fonte: elaborado pela autora (2022).

## O surgimento do Cangaço

“As palavras cangaceiro e cangaço, aparentemente começam a ser usadas na década de 1830, e se relacionava a “canga” ou a “cangalho”, isto é, o jugo dos bois.” (CHANDLER, 1980:17). Essa canga era de madeira usada no pescoço do boi, próximo às costas, para que ele pudesse puxar o arado e carregar instrumentos usados no dia a dia do campo. Associa-se a palavra cangaço a Canga, porque casualmente, os cangaceiros eram chamados assim por carregar suas armas nas costas, de forma semelhante a uma canga.

Lampião nasceu em 7 de julho de 1897 no sítio Passagem das Pedras, em Villa Bela, atualmente na localidade há a cidade de Serra Talhada, em Pernambuco. Entrou para o bando de Sebastião Pereira da Silva em 1920 com 23 anos, se sentindo injustiçado, querendo vingar a morte do pai que tinha sido assassinado a mando de José Alves de Barros (1894-1980), conhecido como Zé Saturnino, considerado seu primeiro inimigo. O tempo em que viveu no cangaço foi em meio a caatinga, nos sertões dos Estados do Nordeste, onde o cangaço se proliferou, e em abrigos fornecidos pelos chamados “coiteiros”. Coiteiros é a palavra usada para nomear as pessoas que acomodavam os cangaceiros em troca de proteção, para não terem suas propriedades invadidas. Os seus primeiros coiteiros eram pessoas próximas, conhecidos do tempo em que ele era feirante junto com seu pai e de quando vivia como vaqueiro, por isso tinha bastante conhecimento com os coronéis e fazendeiros.

Durante o tempo em que Lampião comandou o cangaço mandou várias cartas a fazendeiros e coronéis pedindo para ser recebido por eles em suas fazendas, os que não concordavam tinham suas propriedades invadidas e saqueadas. Os coiteiros disponibilizavam um funcionário para dar informações aos cangaceiros sobre os passos da volante, que eram os agentes do Estado designados para combater os cangaceiros. Essas informações os ajudavam de forma estratégica, para que eles soubessem por onde era mais seguro andar sem serem perseguidos. Era nesses coitos que os cangaceiros podiam ter momentos de descanso e se abastecer com itens essenciais para o seu dia a dia, como alimentos e utensílios para suas necessidades. Também eram esses coiteiros que forneciam material bélico como as armas usadas para defesa pessoal do bando nos confrontos com a volante. E era entre um coito e outro e em meio a caatinga a vida dos cangaceiros.

Imagem 2 – Caatinga, Serra talhada (PE).



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Os motivos pelos quais as pessoas entravam no cangaço eram vários: por vingança, para fazer justiça, a falta de perspectivas devido a desigualdade social sofrida e sentida por alguns no seu cotidiano e até mesmo admiração pelos cangaceiros. Outros eram forçados a seguir os cangaceiros por alguma circunstância ocorrida na passagem deles em algumas regiões. Esses eram alguns dos motivos pelos quais as pessoas que participaram do cangaço se valiam para explicar por que escolheram fazer parte do que Eric Hobsbawm (2012), chama de “Banditismo Social”. Em uma sociedade oligárquica em que a desigualdade e a injustiça predominavam, essas alegações usadas pelos que entravam no bando eram em grande medida facilmente aceitas. Abraçadas principalmente por aqueles que estavam passando ou já tinham passado por situações semelhantes às citadas e se identificavam com as histórias dessas pessoas de alguma forma.

Frederico Pernambucano De Mello, aponta que o nascimento do movimento do cangaço acontece como uma “tradição rural de resistência popular armada, contínua no tempo - dada a sucessão praticamente ininterrupta de grupos e de protagonistas...” (MELLO, 2012:22). Para este autor esta tradição rural é contínua pelo fato de ser persistente vinda de outros movimentos que já ocorreram. Movimentos realizados por outros grupos anteriormente ao cangaço na história de lutas que aconteceram pelo Brasil, como a luta dos quilombolas e a do gentil rebelado. Lutas que se desenrolaram durante os séculos da colonização. Frederico ainda coloca que

foi necessário que houvesse um maior desdobramento do termo banditismo, para explicar o cangaço. Pois só a questão que trata o movimento a partir desse termo não explica toda a complexidade que o envolve, sendo assim insatisfatório. Enfatiza ainda que o fato de se considerando só a questão do banditismo deixa de se avaliar outros detalhes como por exemplo a produção estética do cangaço que merece destaque na história do movimento. Um fator que impulsiona ainda mais esse movimento e seus desdobramentos vai ocorrer em temporadas de secas prolongadas que geram um mal maior, a penúria e a escassez. De acordo com Billy Jaymes Chandler “a grande época do cangaço começa com a mortífera seca de 1877-1878 e alcança seu apogeu quantitativo com a de 1919” (CHANDLER, 1980:27)

### **Contexto Histórico e social do cangaço**

Alguns cangaceiros se manifestavam contra as sociedades camponesas e patriarcais que exerciam o poder e a total dominação regional. Esses grupos reivindicavam, mesmo que implicitamente, justiça social e melhores condições de vida na região. É importante perceber essa região sertaneja do interior do Nordeste como um forte espaço de luta, espaço que envolve associações por poder em seu ambiente e isso faz surgir esses conflitos. No entanto, esses grupos mesmo tendo um ideal de vida não possuíam o intuito de serem revolucionários sociais, mesmo que indiretamente já fossem sujeitos políticos em uma época que podia ser considerada pré-política por ainda estar ocorrendo a mudança de império para república.

A partir dessa abordagem torna-se importante atentarmos a indagação de Rui Facó, que questiona sobre quem seriam esses grupos de cangaceiros que se formavam. “Seriam simples criminosos esses milhares, (...) de pobres do campo que se rebelam nos sertões, durante um período tão longo de nossa História?” (FACÓ, 1972:8). Pode-se compreender o motivo do questionamento de Facó se conhecendo mais a fundo o contexto social do período em que o Cangaço surgiu. Vai se tratar de um contexto de apropriação muitas vezes indevida de terra por coronéis, que já tinham se apropriado de terras a partir do litoral nordestino para cultivar cana de açúcar. E viram na região do sertão a oportunidade de uma agricultura de subsistência. Rapidamente desenvolvem a criação de gado. Sendo que o domínio da região é majoritariamente controlado por aqueles que estavam preocupados só com seus interesses, acarretando desigualdade, fazendo com que a maioria dos habitantes

vivessem em condições miseráveis, abandonados à própria sorte, sobrevivendo com quase nada e sem assistência. Eles decidiam quem trabalharia nas terras, o que deveria ser e como deveria ser o seu cultivo. Impunham suas próprias leis, nessa época de mudança de império para república negando os direitos das outras pessoas. Só trabalhavam com interesse nos seus próprios ganhos.

“A situação dos pobres do campo no fim do século, e mesmo em pleno século XX, não se diferenciava daquela de 1856. Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem-terra, sem bens, garantias, buscassem uma "saída" nos grupos de cangaceiros, beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes lutando por ela a seu modo, de armas nas mãos.” (FACÓ, 1972:13).

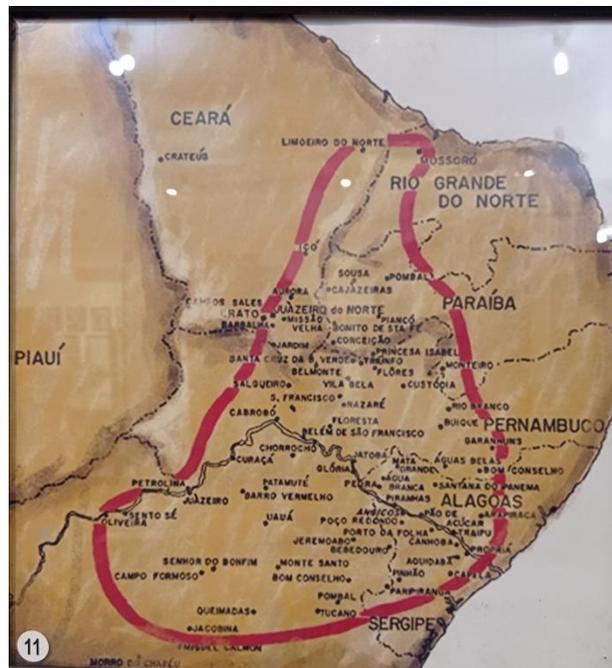
Pensando a partir do contexto do surgimento do movimento, fica perceptível que a exploração dessas terras fez com que os grandes latifúndios naqueles espaços adquiram força e se tornaram predominantes, se apossando da região de maneira a impulsionar reações que contribuíram para a formação das “sociedades camponesas” (HOBBSAWM, 2012), comandadas por poucos homens possuidores de influência e poder nessa ocasião. A partir daí a difusão do Cangaço, passa a perceber-se de forma mais clara, essa exploração territorial já citada se sobressai como motivo relevante, dentre outros, que levaram o movimento a tomar a proporção atingida. “Tiveram, esses, inúmeros surtos (...) de cangaceirismo, as suas causas internas e externas”. (FACÓ, 1972:8).

Causas essas já citadas que fizeram muitos desses homens e mulheres abandonarem suas vidas cotidianas e suas famílias, a grande maioria com a perspectiva de melhores condições de vida. Porém é importante que se faça saber que alguns desses cangaceiros e cangaceiras tinham uma vida abastada, e isso é um fato de muita relevância na complexa historiografia do cangaço e no seu contexto. Ao contrário do que se pensa, muitas dessas pessoas dispunham de condições para viver bem para os padrões daquela época, como terras, criações de animais entre outros. Esses que possuíam esses bens eram considerados pessoas com posses que adentraram no cangaço em inúmeros casos justamente por causa de brigas e desavenças por essas terras que eram de sua propriedade, como o próprio Lampião. Ou como já foi dito, simplesmente por querer fazer parte do mundo que o cangaço poderia ter para oferecê-los. Cangaço que é classificado de “Banditismo” por Hobsbawm (2012), mas que também o caracteriza como fenômeno social: “O banditismo como Fenômeno Social na longa segunda fase da sua história, está

relacionada à classe, à riqueza e ao poder nas sociedades camponesas.” (HOBSBAWM, 2012:23).

Facó também enxerga no cangaço um fenômeno social, onde estão envolvidas lutas, lutas de necessitados que começavam uma reação contra a sociedade camponesa construtora de um sistema causador dos piores males. segundo Facó, “eram (...) lutas que “começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, de seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas era uma luta em função da terra...” (FACÓ, 1972:37).

Imagem 3 – Estados em que o cangaço passou. (CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA)



Fonte: Museu do Cangaço, Serra Talhada (PE) (2022).

Mesmo com a transição do Império para a República acontecendo, ainda se considera essa república coronelista. Considera-se assim porque o domínio dos coronéis ainda fazia que não houvesse uma distribuição de terras de maneira justa. Desse modo, segue sendo até atualmente um dos grandes problemas do país, bem como a persistência de mandos e desmandos de figuras da elite da região como coronéis. Tudo isso fazia com que os simpatizantes do cangaço se sentissem de alguma forma representados pelos que eram considerados bandoleiros. Sobre esse período de transição, assim declama o poeta e cordelista:

(...) Era um tempo maldito e deletério,  
De regime no pleno feudalismo,  
O país no presidencialismo,  
Se regendo por normas do império,

Quem queria fazer um Brasil sério,  
Não podia assistir acomodado,  
O futuro escanchado no passado,  
O presente perdido sem futuro,  
O papel da ternura era tão duro,  
Que o amor precisava andar armado...

Joaquim Crispiniano Neto. Fonte: Museu do Cangaço. (Poema não publicado)

## **Irrompe uma Estética no cangaço**

De acordo com Albuquerque Jr, “Existe uma realidade múltipla de vidas, histórias, práticas e costumes no que hoje chamamos Nordeste”. (ALBUQUERQUE JR, 2011:79). Entre essa multiplicidade cultural construtiva da região algumas destacam-se, como por exemplo: simbologias, religiosidades, danças, e tantas outras que representam a construção multicultural nordestina e sertaneja dos estados que compõem a região. Construção multicultural introduzida na vida cotidiana das pessoas fazendo parte das suas histórias e vivências. No cangaço surgem alguns elementos compondo as vestimentas do bando, irrompe uma nova forma de representação estética, uma nova imagem concebida desse movimento a partir de Virgulino. E mesmo depois de 82 anos do fim do cangaceirismo se mantém vívida e muito presente na memória do povo a construção de sua estética. Estética desenvolvida e praticada pelos cangaceiros e cangaceiras dos grupos. Sobre a estética, Frederico comenta, “Nenhuma outra marca crava mais fundo no inconsciente coletivo da região”. (MELLO, 2012:194). Caminhando pelas ruas de algumas cidades do sertão Pernambucano como Triunfo e Serra Talhada, é possível perceber nitidamente a ideia de marca no inconsciente coletivo que o autor coloca. A presença e os vestígios da história e da estética do cangaço estão por toda parte. Vai desde o acervo do museu que se especializou em manter essa história vivida por meio de objetos e documentos pertencentes à época do cangaço com o material riquíssimo e diverso que explicam a estética do movimento. Com este acervo promovem, palestras no ensino desenvolvendo projetos em parceria com escolas estaduais e municipais como o “Minha Escola no Museu” a fim de que os alunos conheçam e entendam mais intimamente o contexto da história da sua região. O grupo de xaxado “Cabras de Lampião” composto por homens e mulheres devidamente vestidos com as indumentárias que usavam os cangaceiros, apresentam a dança do cangaço. Levam a história para fora com peças e apresentações teatrais no estado de Pernambuco e

em outros estados e fora do Brasil. Está cravado nas apresentações juninas, onde adultos e crianças se fantasiam de Maria Bonita e Lampião, caracterizando-se com todos os seus adornos estéticos para as apresentações das quadrilhas do mês junino. Vê-se as marcas da história dando nome a praças, ao supermercado do bairro e até mesmo ao barzinho da esquina, que levam nomes associados ao tema. Se faz presente também na fala cotidiana, nos gestos, no dia a dia das pessoas mesmo que de maneira involuntária. O cangaço ou o que ficou dele está ali, presente. Não custa repetir mesmo após 82 anos do seu término.

Él Cangaço, en consecuencia, sería algo más que solo una manifestación de la marginalidad; a través del tiempo, se cargó de una diversidad de elementos culturales peculiares que le aportarían una “estética” y una “construcción” social muy singulares. (PERICÁS, 2014:11).

A cultura envolvida no cangaceirismo a partir dos elementos citados por Pericás, mais especificamente aqui falando, da roupagem característica dos cangaceiros, evidencia como a estética se destaca na construção dos significados desse movimento. Destaca-se na forma que trazia altivez aos que elaboravam e vestiam suas peças. É um outro modo de se perceber o movimento cangaço que não só pela violência, mas também por esse movimento possuir algumas características próprias que nenhum outro possui, (...) “sobretudo na imagem de síntese”. (MELLO, 2012:21). Características que dizem muito a respeito da estrutura e do planejamento estético do movimento que era único. Características de uma estética funcional pensada tanto para o dia a dia quanto para a representação do bando.

Dessa forma de existência criminal que há de ser vista antes de tudo - convém insistir - como geradora de uma subcultura dentro da cultura sertaneja e que parece ter sido criada para caber numa fotografia tamanho cuidado do cangaceiro com a estética, com a imponência, com a riqueza e com o fascínio do traje guerreiro de que se servia. (MELLO, 2012:48).

As roupas usadas pelo trabalhador da agricultura no sertão Nordeste precisavam ser confeccionadas com um tecido mais forte para a sua proteção nesse ambiente devido à vegetação fechada e espinhosa, principalmente a vegetação da caatinga. Ao longo do tempo essas vestimentas vão passando por transformações. Usava-se as roupas feitas de brim, “Tecido forte de linho ou algodão.” (BRIM, 2022). Fora o brim, os vaqueiros tinham suas roupas feitas com couro curtido de animais como o bode e o boi. Do couro do boi, por ser mais resistente se fazia o gibão. “Pequeno casaco utilizado sobre a camisa.” (GIBÃO, 2022). Com o couro do bode por ser mais flexível se faziam as tranças que ligavam as partes menores do gibão, como por exemplo as suas mangas, que eram fixadas com essas tranças ao corpo

maior a peça. Tanto o gibão como a calça de couro eram costuradas com um vazador e uma linha mais grossa para assegurar a costura. Sendo feito de modo que se tinha “ (...) o pano na máquina de costura correndo parselhas com o couro agredido pela sovela(...)” (MELLO, 2012:21). Essas roupas consistiam em uma proteção mais eficiente, para o uso dos vaqueiros que pastoreavam o gado e para a lida na agricultura. As vestimentas precisavam protegê-los não só da vegetação, como também do sol, pois caminhavam longas distâncias a pé, ou eram usados cavalos em sua locomoção pela vegetação em meio às mais adversas dificuldades que enfrentavam para pastorear o gado porque na época ainda não se tinham estradas abertas para que se pudesse transitar. Outros itens como o chapéu de couro e as luvas eram parte importante das vestimentas. As luvas eram usadas para proteger as mãos do sol. E o chapéu de couro protegia a cabeça. Até os dias atuais é usado no ofício de vaqueiro. Os cangaceiros ao entrar no bando continuam a usar os trajes de vaqueiro, pois em sua grande maioria essa era a sua profissão antes de fazer parte do cangaço. “Vale ressaltar que os primeiros indivíduos denominados de cangaceiros se vestiam sem muita diferenciação de um Nordestino comum que vivia no campo ou em pequenas vilas em fins do século XIX ou no começo do século XX” (CHAVES, 2018:49).

Imagens 4 e 5 – Traje do vaqueiro.



Fonte: Casa da Cultura, Serra Talhada (PE) e Museu do Cangaço, Serra Talhada (PE) (2022).

Entre os cangaceiros havia os que exerciam antes do cangaço a profissão de vaqueiro nas fazendas que trabalhavam. Ou cuidavam da sua própria criação como Lampião, que além de exercer o trabalho com o couro cuidava dos animais da família junto aos seus irmãos e trabalhava como feirante com seu pai. Mas, não era assim a situação da vida de uma grande maioria de sertanejos nordestinos, na sua maior totalidade viviam abandonados à sua própria sorte. Albuquerque Jr (2011), narra que as circunstâncias passadas se analisadas, vão anunciar que os símbolos regionais já existiam e se manifestavam de diversas formas. Manifestavam-se na Identidade que se evidenciava e se evidencia no modo de viver dessa coletividade ressignificando suas lutas, a luta dos que trabalhavam no campo e que encontravam formas de resistir às suas adversidades. Assim, se entende que já se utilizava uma estética desenvolvida pelo homem agricultor e vaqueiro do sertão nordestino, evidentemente de uma maneira mais simples, só depois é que vai se desenvolvendo uma maior elaboração a partir da roupa do vaqueiro. Desse modo, devidamente vestidos, podia-se evitar acidentes e escoriações no seu trabalho já tão árduo.

A estética da roupagem produzida no Cangaço, surge em um ambiente inóspito e aparentemente improvável para que se formulasse um elemento tão significativo que traria vida e beleza a caatinga. Porém, do improvável surgiu o que veio a ser o elemento de maior representatividade do cangaço, elaborado ao abrigo do calor do sertão, o elemento estético. Quebrando a aridez e a rudeza existente no dia a dia da vida e nas vestimentas dessas pessoas. O trabalho com o couro sempre esteve presente na vida de Lampião desde menino. “Tomou para si também, uma tarefa importante na fazenda: a fabricação e cuidados com os artigos de couro (...) aqueles que se lembram de Virgulino quando adolescente, são unânimes em atestar sua habilidade nesse ramo”. (CHANDLER, 1980:35). Entre muitas das funções que praticava, aprendeu com sua avó, dona Jacosa, a também bordar e costurar. Há relatos de pessoas sobre este cangaceiro que afirmam ter sido ele o primeiro estilista do sertão. Por ter desenvolvido de maneira tão peculiar os traços estéticos nas vestimentas do cangaço, mudando-as de maneira inédita e surpreendente para os padrões da época. “(...) debruçado sobre a máquina Singer de mesa, a mão cheia de anéis a conduzir o veio da engenhoca, dando vida ao bordado. ” (MELLO, 2012:74). A criação de uma identidade estética tão distinta e rica em detalhes, manifesta-se no cangaço com Virgulino, pois: “Para Lampião, “Vestir-se bem era essencial para triunfar”. (BASTOS, 2009:108). Este triunfo para Lampião acontece quando essa

estética produzida por ele, passa a ser incorporada pelo bando, diferenciando a roupa da que usavam como vaqueiro, do chapéu a perneira passa a se desenvolver traços estéticos não vistos antes. Bastos reitera que Lampião: “Costurava e bordava de maneira exímia, no pano e em couro, na máquina Singer de mão, depois de rabiscar o molde em papel, incentivando seus rapazes a fazerem o mesmo -um critério de subida na hierarquia mole do bando. E uma higiene mental intuitiva, pode-se concluir.” (BASTOS, 2009:60).

Imagem 6 – Lampião bordando um bernal.



Fonte: Museu do Cangaço, Serra Talhada (PE) (2022).

Assim começa a se definir uma identidade única a esse movimento singularidade no traje do cangaceiro que causava admiração e repúdio. Essas vestimentas passaram para muitas pessoas a aparência de implacável, sujeito bem-sucedido, imponente, que era o que interessava a lampião, ser lembrado, ser respeitado. Contrapondo a isso, causa o oposto em outras pessoas, há quem abomine o jeito dos cangaceiros se vestirem. Nas forças volantes, por exemplo, aconselha-se a não usar objetos ou roupas que se assemelham de alguma forma às vestimentas dos bandoleiros “seria de recomendar-se a proibição de fardamentos exóticos, de berloques, estrelas, punhais alongados e outros exageros notoriamente conhecidos” (apud MELLO, 2012:17). A estética identifica o cangaceiro como produtor de sua identidade, longe do senso comum, e ainda muito mais longe de ser um bandoleiro prosaico. Ainda sobre a estética ímpar que identifica o movimento Chaves declara:

Os cangaceiros, apesar das agruras e da rudeza da vida, gostavam de se aformosear, de se vestir de maneira bela e extravagante. Não tinham medo das volantes, grupos policiais que os perseguiam, muito menos das cores fortes, vivas, naturais. (CHAVES, 2018:46).

## A mulher cangaceira e a Estética

Há um acontecimento no cangaço que faz que a sua estética passe a ficar mais colorida, a possuir traços de uma beleza antes não vista na sua roupagem. De acordo com Ferreira e Araújo (2011) a estética destaca-se ainda mais em sua representatividade depois do toque de feminilidade dado com o acesso das mulheres ao bando. “A partir de 1929-1930, esse movimento armado de resistência popular e unicamente masculino em sua gênese, passa a congregar mulheres em sua corporação” (CHAVES, 2018:49). Elas passam a acompanhar seus parceiros na jornada pela caatinga. Maria Gomes de Oliveira (1911-1938), a Maria Bonita, companheira de Lampião, foi a primeira a fazer parte do bando em 1929. Maria nasceu em Malhada da Caiçara, sertão da Bahia. Conheceu Lampião em 1929, quando o cangaceiro passa na casa dos seus pais. Maria que estava separada do seu marido, o sapateiro Zé de Nenê, e tinha voltado pra casa dos pais, conhece o rei do cangaço e decide ir com ele, viver de outra maneira, saindo de uma vida programada que era comum para as mulheres naquela época. No final da década de vinte uma mulher que se separa do marido e escolhe viver à sua maneira, ser mulher de cangaceiro era repudiada. Maria, enfrenta as imposições que lhe são colocadas quando decide seguir no cangaço. Ela e tantas outras que decidem por vontade própria ir contra as normas sociais do período e buscar a felicidade e a liberdade que acreditam existir naquela vida. Por outro lado, muitas mulheres foram raptadas e forçadas a deixar suas famílias para acompanhar os cangaceiros. Algumas delas foram Cila, Adília e Dulce. Uma mulher não poderia fazer parte de cangaço se não tivesse um companheiro no bando, não era permitido que ficassem solteiras. “Até quando um cangaceiro morria em combate, a sua companheira tinha de se juntar a outro para garantir a sua vida.” (FERREIRA; ARAÚJO, 2011:40). Em outras palavras era contra as normas do cangaço uma mulher viúva no bando, se não se casasse novamente era morta pelo líder. As autoras colocam que a participação da mulher no cangaço fica geralmente à sombra dos mesmos motivos do homem, que a bibliografia escrita sobre o cangaço não especifica o porquê ou os motivos pelo qual as mulheres se aventuraram no cangaceirismo. Maria Bonita foi a que deu o pontapé inicial para que posteriormente outras mulheres aderissem ao cangaço. As mulheres não participavam diretamente dos confrontos, ficavam escondidas para se proteger, no entanto andavam armadas caso precisassem se defender. Mas foram de uma importância inegável para a vida

do bando, os ajudando nas tarefas do dia a dia, e sendo, acima de tudo, companheiras desses homens e não só mulheres que os serviam. Eles passaram a se cuidar mais já que agora tinham suas companheiras no convívio. Ficaram mais vaidosos e cuidavam dos hábitos higiênicos com uma frequência maior, sempre que possível. “A imagem dos cangaceiros tornou-se menos agressiva por causa da presença das mulheres nos bandos” (FERREIRA; ARAÚJO, 2009:230). Essa mudança ocorre já a partir da entrada de Maria Bonita. Quando a companheira de Virgulino estava nas rodas de conversa os cangaceiros mediam as palavras em respeito a mulher do chefe. Eram bem tratadas, mas submissas aos seus parceiros não possuindo autoridade para interferir nas decisões que estes tomavam.

Segundo Luciano Gutemberg Bonfim Chaves, quando as mulheres entram no cangaço o estilo e a particularidade dos cangaceiros ganham inovação nos detalhes das peças. Sabe-se que também serão introduzidas novas peças confeccionadas por elas. Mas foi certamente na sua aparência o maior impacto. Antes de 1930 os elementos estéticos não se evidenciaram tanto como depois passaram a ser com a entrada delas para fazer parte da vida do cangaço. A princípio com Maria, que “era exímia costureira”. (FERREIRA; ARAÚJO, 2011:33). Como citado no começo desse trabalho, a confecção das vestimentas já era desenvolvida por Virgulino. Ele costurava a roupa do bando, ou as encomendava a costureiras conhecidas. No entanto, o traço estético, aprimorado e colorido depois, pelas mulheres do cangaço, ainda não se fazia presente. Assim, com elas atuantes na rotina do cangaço começam a desenvolver essa função. A harmonia dessas formas e cores bordadas e confeccionadas antes ainda não existentes, irrompem as vestimentas do cangaço “(...) com bordado colorido inspirado na flora da caatinga, nos arabescos dos tecidos trazidos pelos mascates, ou em outras referências (...)”. (FERREIRA; ARAÚJO, 2011:87). A flora da caatinga e seu colorido que está presente nas frutas e flores que se destacam em um período determinado pela natureza. A fruta do mandacaru, a flor do cacto, a flor e o fruto do xique-xique, tão belos e característicos dos sertões nordestinos, que insistem em resistir, como insistiam em resistir os homens e mulheres do cangaço pelas caatingas espinhosas e formosas a fora.

Imagem 7 – Aos lados, réplicas dos bornais usados no cangaço, ao centro, bernal bordado pela cangaceira Sila.



Fonte: Museu do Cangaço, Serra Talhada (PE) (2022).

Não é possível explicar sobre a estética do cangaço a partir do período de inclusão das mulheres nos grupos, sem trazer o nome de Sérgia da Silva Chagas, Dadá (1915-1994). Ela é sem sombra de dúvida uma das grandes responsáveis por fazer com que a estética do cangaço seja destaque do movimento até os dias atuais. Dadá entrou para o cangaço contra a sua vontade, ainda menina, levada de sua casa por Cristino Gomes da Silva Cleto, Corisco (1902-1940) este era o segundo, só ficava atrás de lampião na hierarquia do cangaço. Era líder de um subgrupo de cangaceiros e braço direito de Virgulino. Dadá vai se destacar por ter sido ela em comum acordo com o líder dos cangaceiros a começar a fazer os bornais coloridos para o bando. De acordo com Ferreira e Araújo (2011) em 1932 Dadá elaborou e confeccionou o primeiro par de bornais ornamentados com flores em cores vibrantes, de maneira que não se sabe o que lampião realmente pretendia a partir do momento em que permite que a cangaceira use essas novas variações na figuração dos cangaceiros. Os significados que trazia essa nova fase, até então ainda não tinham sido vistos no cangaço, nem mesmo pelas mãos do líder Virgulino. Surpreendentemente surge pelas mãos de Dadá e de outras mulheres do bando. Em uma das entrevistas que Dadá concedeu depois que o cangaço terminou, e que posteriormente se transforma em parte de um documentário ela fala em como surge a ideia dos bornais: “Eu mesma inventei aqueles bornal de flor, que é bordado. Eu inventei quando eu estava em um coito, eu estava sem fazer nada aí cortei um papelão e inventei aquilo.” (NETO, 2020). Essa forma de arte expressa no cangaço depõe sobre o sertanejo que tem orgulho de sua criação. Criação que o identifica, como também identifica a sua subjetividade nos traços de cada bornal, de cada tampa de cartucheira, luvas e cantis. A fé e o misticismo eram algo fortemente presente na composição dessa estética corporal. A

fé, por meio de orações que carregavam junto ao corpo, levavam consigo, “(...) saquinhos de orações fortes atados ao pescoço (...)” (MELLO, 2012:21). O misticismo encontrava-se bordado no chapéu de couro do cangaço, identificado através de símbolos como a estrela de oito pontas, a cruz de Malta a flor de lis, que caracterizavam para os cangaceiros uma forma de proteção, na linguagem popular usada na época eles estavam de “corpo fechado”. Para Frederico Pernambucano, se tratava de “(...) uma blindagem mística, ao dividir atenção com o puro anseio estético”. (MELLO, 2022: 21). Por mais parecidos e simples que fossem os pontos do bordado eles não se repetiam. Para salientar essa perspectiva sobre a arte tão própria dos tempos do cangaço, Mello coloca que, “(...) ao contrário da “arte de composição” ou de copiagem que nos foi imposta pela educação colonial religiosa, não separaria a arte da vida, podendo o insurgente bater no peito e dizer: eu carrego comigo a minha arte (...).” (MELLO, 2011:20). Logo não se deve olhar a estética do cangaço como fantasiosa e simplista, sem objetivos de existência, ela é carregada de simbolismos e utilitarismo do chapéu até a peneira usados por quem os idealizou, projetou e criou.

### **Considerações finais**

Buscou-se trazer nesse texto uma perspectiva diferente do que vem ser o cangaço, e a importância do sertão e da identidade sertaneja na construção desse movimento e no desenvolvimento de sua estética. Isso porque se faz necessário desconstruir estereótipos na maior parte das vezes evidenciados sobre o sertão e sobre o movimento cangaço. Com o intuito de que se faça entender que há muito mais a ser percebido nessa região tão rica e plural, ainda que marcada por contraste e desigualdade social. Durante o caminho percorrido na escrita desse trabalho buscamos demonstrar como a estética do cangaço assumiu características próprias e muito peculiares que puderam gerar elementos indenitários a esse agrupamento social que se mostra diverso desde a sua origem. E é essa diversidade de dons e práticas manuais que vão enriquecer esteticamente o movimento do cangaço a partir de Lampião e sua prática em trabalhar o couro e o tecido de maneira primorosa e posteriormente com Maria bonita e Dadá, as quais tinham como fonte de inspiração a caatinga para adicionar as cores a sua arte. Cores que trouxeram tanta vida e beleza aos adornos confeccionados no cangaço, bornais, luvas e vestimentas.

Essa história repleta de fatos e acontecimentos, se não analisados podem passar despercebidos, e assim deixar de motivar a construção de novas perspectivas históricas que venham instigar a continuação dessa narrativa que se origina no Nordeste do Brasil.

Dessa forma, evidencia-se que o surgimento e a produção dessa estética foram e continuam sendo importante para que o Cangaço nos chame atenção de outra forma, que não seja só pela sua violência que é retratada e evidenciada tantas e tantas vezes quando se fala sobre o assunto. Mas, sobretudo que possamos refletir e questionarmos sobre outros fatos que construíram essa história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed São Paulo: Cortez, 2011.

BASTOS, Ricardo Ferraz. **A Imagem da Organização do Bando de Lampião e sua Liderança**. 2009. Dissertação de Mestrado. Mestrado Profissional em Administração. Faculdades Integradas Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo, 2009.

BRIM. In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/brim/>. Acesso em: 13/07/2022.

CHAVES, Luciano Gutembergue Bonfim. A Estética do cangaço a luz das noções nietzscheanas de apolíneo e dionisiaco. **Análogos**, PUC. Rio de Janeiro. V. 34414. N1. p. 46-58. 07./2018.

CHANDLER, Billy James. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. 4ª ed. Tradução: Sarita Linhares Basted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FERREIRA, Vera; AMAURY, Antônio. De Virgulino a Lampião. Revista **Aracaju**, 2ª ed, 2009.

FERREIRA, Vera; ARAUJO, Germana Gonçalves de. **Bonita Maria do Capitão**. Salvador: EDUNEB, 2011.

GIBÃO. In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gibao/>. Acesso em: 13/07/2022.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro**. A estética do cangaço. São Paulo: Escrituras Editora, 2010

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Los Cangaceiros: Ensayo de interpretación Histórica**. Playa, La Habana, Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 2014.

## DOCUMENTARIO

ASSIM Era Dadá - A Vida Pós Cangaço de Sérgia da Silva Chagas. Direção de Manoel Neto. Produção: Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rlo0A2bMKZU&t=3s>. Acesso em: 04/07/2022.